

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO: TRILHANDO CAMINHOS PARA UM CURSO HÍBRIDO

*Dione Maria Menz*¹
(UFPR)

dionemenz@ufpr.br

*Gláucia Da Silva Brito*²
(UFPR)

glauucia@ufpr.br

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, pesquisadora do GEPPETE. E-mail: dionemenz@ufpr.br

² Pesquisadora em tecnologias na educação da Universidade Federal do Paraná e líder do grupo de pesquisa GEPPETE. E-mail: glauucia@ufpr.br

RESUMO: O artigo discorre sobre a construção de um curso híbrido sobre prevenção do suicídio para professores de escolas públicas. A proposta envolveu a UFPR e a SEED resultando em uma formação de 60 horas para 200 docentes, na plataforma moodle, com 8 módulos, 3 encontros presenciais e produção de 80 propostas de intervenção. Os resultados exploram as possíveis estéticas para oferta de cursos híbridos sobre temas sensíveis e mediados pelas tecnologias de comunicação e informação, no caso desta pesquisa, a formação de professores para prevenção do suicídio.

Palavras-chave: Cursos Híbridos. Formação de Professores. Prevenção do Suicídio.

TEACHERS' TRAINING COURSE ON SUICIDE PREVENTION: POSSIBLE AESTHETIC APPROACHES

ABSTRACT: The article addresses the construction of a hybrid course on suicide prevention for state school teachers. The proposal involved the Federal University of Paraná (UFPR) and the State Secretary of Education, comprising a 60-hour training course for 200 teachers, moodle platform, 8 modules, 3 face-to-face meetings and production of 80 intervention proposals. The results explore the possible aesthetic approaches on sensitive themes, mediated by communication and information technologies, as it is the case of this research study, teachers' training on suicide prevention.

Palavras-chave: Hybrid Courses. Teachers' Training. Suicide Prevention.

1 INTRODUÇÃO: A ESCOLA COMO ESPAÇO PARA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO

Como tratar de temas sensíveis na escola? Os professores estão preparados para este desafio? O que fazer quando jogos como a “Baleia Azul” invadem o contexto educacional? Como formar docentes para esse enfrentamento? Essas questões impulsionaram a pesquisa de doutorado de que trata este artigo, tendo como objeto a prevenção do suicídio e o pressuposto que o fenômeno não se restringe ao campo da saúde, tradicionalmente afeito ao tema, mas que também passa a pautar os diferentes níveis e instituições vinculadas à educação.

Vale destacar que a preocupação com o aumento dos casos de suicídio no Brasil levou o Ministério da Saúde (MS) em 2006 a publicar a portaria nº 1.876 (BRASIL, 2006), instituindo as diretrizes nacionais para prevenção do suicídio, por considerar o fenômeno um grave problema de saúde pública que afeta a sociedade e deve ser prevenido. Esta preocupação é ampliada por se constatar o aumento na frequência desse comportamento entre jovens de 15 a 25 anos das diferentes camadas sociais, de ambos os sexos e escolaridades. Em consonância com estas preocupações, em 2019 aprovou-se a lei 13.819 (BRASIL, 2019) que além de tratar sobre a prevenção do suicídio, incluiu o tema da automutilação, imputando também às escolas a responsabilidade de notificar os casos. Posto isso, entende-se que a formação de professores para o tema é urgente e deve ser construída em parceria com os atores envolvidos.

Neste sentido, buscando responder a algumas inquietações sobre o suicídio e a convocação das escolas, por lei ou pela emergência do tema, para lidar com o crescente número de casos, construiu-se um curso para capacitação para professoras e professores com objetivo de preveni-lo. É neste contexto que a universidade pública, comprometida

com a formação continuada de docentes é convocada para o tema. Esta convocação vem acompanhada das questões acima elencadas, além de outras: como chegar as escolas antes dos casos? Como qualificar um quantitativo de docentes capaz de impactar os indicadores de saúde que mesmo em países ricos insistem em assombrar a juventude?

As problematizações acima sinalizaram que a formação continuada de professores encontra nas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) um recurso precioso, visto sua capilaridade, agilidade e possibilidades de interação. Neste sentido, a escolha da educação híbrida para mediar essa qualificação fundamentou-se nas ideias de Brito e Purificação (2015), que apontam os processos de ensino e aprendizagem mediados por recursos tecnológicos como estratégicos para a democratização do conhecimento e formação continuada de professores. As autoras destacam que o uso das novas TDICs ampliam o acesso da comunidade escolar a todo tipo de informações, sejam elas de cunho científico ou não. Assim, mais que uma ferramenta para acessar conhecimento, essas tecnologias qualificam-se como um novo paradigma para os processos formativos de docentes, agora mediados por informações em tempo real e em rede.

Foi neste contexto que em 2018, respondendo a demanda trazida pela Secretaria Estadual de Educação (SEED) em que escolas públicas vinham enfrentando situações de tentativas e consumação de suicídios, que a Universidade Federal do Paraná (UFPR) construiu um curso de extensão com objetivo de capacitar professores para a identificação, acolhimento, manejo e acompanhamento de crianças e adolescentes em situação de risco para o suicídio. Partiu-se da premissa que educadores encontram-se em posição de destaque para esse trabalho e possuem potencial para impactar os indicadores de saúde que colocam o suicídio como a 3ª causa de morte de adolescentes do sexo masculino (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017), e a quarta causa de morte entre indivíduos de 15 a 29 anos no período entre 2011 e 2016 (QUEIROZ, 2019).

Destaca-se que o desenho deste curso de extensão preocupou-se em tratar o tema como um fenômeno complexo e desafiador, escapando das explicações “psiquiatrizantes” e simplistas sobre o suicídio, incorporando autores que ampliam essa discussão para o campo da filosofia, da sociologia e da psicologia. Dentre os autores que sustentaram esse olhar, destacam-se Émile Durkheim, Albert Camus, Bauman, Lepovetsky e Byung Shu Han.

Vale registrar que na história das religiões diferentes autores, teólogos, livros ou crenças tratam sobre o fenômeno, dentre elas destaca-se na Bíblia, especificamente no Novo Testamento, o suicídio de Judas Iscariotes e os escritos de Santo Agostinho, ao pontuar que o suicídio é injustificável à igreja católica pois viola o 5º mandamento de Deus: “não matarás” (BERTOLOTE, 2012; BOTEGA, 2015). Para a compreensão sócio-histórica deste fenômeno destaca-se Albert Camus, prêmio Nobel de literatura em 1957 e que em 1941 escreveu o “O Mito de Sísifo”, nele, em seu primeiro parágrafo, aponta a importância do tema: “só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é a questão fundamental da filosofia” (CAMUS, 2019, p. 19). Neste sentido, discorrer sobre o suicídio não é só uma questão de especialistas, os nominados “suicidólogos”, mas um tema a ser enfrentado por todos aqueles que encontram-se ao lado de pessoas fragilizadas e que face a dor da existência não encontram outra forma para encaminhá-la que não pela consumação do suicídio.

Além de Camus outro nome a ser lembrado é Émile Durkheim, que ao construir um método para as ciências humanas, em especial para a sociologia, desenvolveu detalhada pesquisa que culminou com a obra “O Suicídio”, publicada em 1897. Nela, o autor, aponta o suicídio como um “fato social”, que neste artigo é entendido como formas de sentir, pensar, agir, valores morais, crenças, normas e doutrinas. Ressalta-se que a obra de Durkheim orienta para a compreensão do fato social como um produto da vida em sociedade, da forma como nos

organizamos enquanto grupo e fortemente mediada por fatos sociais, argumentando que o suicídio não pode ser explicado sob a lógica da psiquiatrização dos fenômenos sociais ou como algo intrínseco ao indivíduo (DURKHEIN, 2013).

Percorrendo a arte e literatura encontram-se histórias permeadas por casos de suicídio que atravessaram diferentes épocas: *Romeo e Julieta* de Shakespeare (1595), os *Sofrimentos do Jovem Werther* de Goethe (1774) ou o *Apanhador no Campo dos Centeios* de Salinger (1951). Fatos que desbancam a especulações de que filmes, livros ou séries a exemplo de “*13 Reasons Why*”, que tratam sobre suicídio são exclusividade da contemporaneidade.

Autores da contemporaneidade como Bauman, Lepovetsky e Han, indicam pistas sobre o fenômeno, dentre eles, o primeiro aponta para a fragilidade das relações, dos valores e da organização social, implicando em um mundo líquido, na impossibilidade do perene, onde os encontros, e porque não dizer a vida, parecem fulgazes, desconectados e pouco acolhedores (BAUMAN, 2004).

Para Lepovetsky, vivemos tempos mediados pelo qualificativo do hiper, um mundo hiperconsumista, hipercapitalista, hipertecnológico e hiperindividualista. O autor apontando a “cultura mundo” como possibilidade, como mediadora, como saída para essa sociedade desorientada onde há tantos casos de violência contra si, tantas tentativas de suicídio, tantos comportamentos auto infligidos, tantas narrativas de dor (LEPOVETSKY, 2007).

Han contribui com reflexões a partir de seus livros sobre a sociedade do cansaço (2017a), da transparência (2017b), do exame digital (2018), argumentando que substituímos projetos de vida por “projéteis contra a vida” e em consequência nos tornamos algozes de nós mesmos na medida em que não há mais espaço para a contemplação, não há mais o tempo para si e a uniformização dos modos de ser e viver, aos poucos, anulam nossa compaixão, nos adoecem, nos leva ao desempenho desmedido e ao sofrimento mental:

A sociedade atual não é uma sociedade do “amor ao próximo”, na qual nos realizaríamos reciprocamente. Ela é, muito antes, uma sociedade do desempenho, que nos individualiza. O sujeito desempenho explora a si mesmo até ruir. E ele desenvolve uma autoagressividade que não raramente desemboca no suicídio. O Si como belo projeto se mostra como *projétil*, que ele, agora, aponta para si mesmo. (HAN, 2018).

Desvelar o fenômeno do suicídio no âmbito da escola, compreendê-lo na perspectiva da complexidade e incorporar os atores envolvidos na construção de uma proposta de formação de professores para o tema, constituíram-se os aspectos orientadores desta pesquisa, sua metodologia e estética, abaixo relatadas.

2 MÉTODO: O ITINERÁRIO DE UM CURSO ARTICULADO COM AS NECESSIDADES DOS PROFESSORES

O percurso metodológico orientador desta pesquisa fundamentou-se na pesquisa ação proposta por Thioulet em Gil (2008) e Richardson (2004). Este último, referindo-se a pesquisa ação, faz um trocadilho com as palavras: “tal qual o nome implica, a pesquisa ação visa produzir mudanças (ação) e compreensão (pesquisa)” (RICHARDSON, 2004, p.175), reafirmando assim os dois aspectos fundamentais desta abordagem metodológica, a participação dos diferentes atores envolvidos no problema a ser estudado e as mudanças produzidas a partir das intervenções.

Richardson (2004), corroborando Thioulet, segue apontando que fazer pesquisa ação é implicar-se, é responder a determinado problema, grupo social ou organização que bate às portas do pesquisador, pois seu laboratório é o cotidiano, as situações que se apresentam ao dia-dia dessas pessoas, que mais que sujeitos de pesquisa, são ferramentas para a interpretação do fenômeno, são recurso para a sua resolução.

Desta forma, respondendo ao objetivo geral desta pesquisa: formar professoras e professores para a prevenção do suicídio, e aos seus objetivos específicos: (1) Identificar as demandas da comunidade escolar sobre o tema (2) Estruturar o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) para responder estas necessidades (3) Organizar encontros presenciais no decorrer no curso (4) Avaliar o processo de aprendizagem de temas sensíveis ofertados através de cursos híbridos mediadas pelas TIDCs, é que se percorreu os 4 passos propostos por Richardson (2004): diagnóstico, ação, avaliação e reflexão,

Para a construção do **diagnóstico** orientador da proposta deste curso, foram realizadas três ações: a) Reuniões com grupos de pais, estudantes, professores, equipe pedagógica e gestores da SEED; b) Parceria com equipe técnica da SEED; c) aplicação do formulário eletrônico para identificação das necessidades

A etapa seguinte, **ação**, ocorreu em sete momentos: a) análise dos formulários on-line; b) seleção dos materiais, conteúdos e estratégias; c) estabelecimento da proposta do curso; d) construção do jogo de tabuleiro “13 tempos para a prevenção do suicídio” ;e) desenvolvimento do AVA; f) Qualificação do tutores; g) Operacionalização do curso.

A **avaliação** deu-se mediada por três outras ações: a) reunião com tutores antes de cada encontro presencial; b) ajustes, no decorrer do curso, das estratégias de aprendizagem; c) aplicação de dois formulários online.

O último passo, **reflexão**, ocorreu em todo o percurso formativo, especialmente na apresentação do plano de intervenção.

Destaca-se que os passos, **diagnóstico e ação**, assumiram papel estruturante no desenho deste curso realizado na modalidade híbrida para 220 cursistas, carga horária de 60 horas, distribuídas em 8 módulos, com três encontros presenciais, no período de 10 semanas. A formação contou com 12 tutores cada qual acompanhou um grupo de 18 cursistas, aleatoriamente agrupados.

O curso foi construído a partir das necessidades levantadas nos sete encontros realizados com professores, estudantes, pais e equipe gestora da escola onde ocorreram dois casos de suicídio em estudantes do nono ano no período de três semanas, além da análise dos 113 questionários respondidos por professores e profissionais da rede socioassistencial. A categorização destas respostas indicaram oito eixos temáticos, que se configuraram nos seguintes módulos de aprendizagem: 1. Epidemiologia sobre suicídio; 2. Avaliação das situações de vulnerabilidades e riscos; 3. Mitos sobre o suicídio; 4. Abordagem e condução dos casos; 5. Clínica da cultura; 6. Uso das tecnologias como estratégias de cuidado; 7. Rede de cuidados; 8. Construção do projeto de intervenção. Para cada módulo reservou-se uma carga horária própria, considerando-se o grau de complexidade das leituras, filmes, atividades e tarefas.

A seleção dos cursistas deu-se por chamamento público organizado pela SEED, priorizando-se os municípios da região metropolitana e as escolas que vinham enfrentando situações de automutilação, tentativas e suicídios. As vagas, previstas inicialmente para 200 cursistas, foram ampliadas em 10% tendo em vista o preenchimento nas primeiras 24 horas, aspecto que reafirmou a importância desse tema no contexto escolar. O curso foi planejado para acontecer em oito semanas, porém ampliado em duas, tendo em vista a coincidência com o fim do semestre e a sobrecarga de trabalho dos professores neste período.

Antes de seu início, fez-se o nivelamento teórico dos tutores preparando-os para as discussões sobre o tema e condução dos cursistas. Essa etapa, além de desconstruir mitos e preconceitos sobre o suicídio, também acolheu tutores vulneráveis, pois identificou-se alguns com histórico de ideação suicida.

Concomitante a capacitação dos tutores estruturou-se o AVA na plataforma moodle, organizado na perspectiva de acolher os participantes que entrassem em sofrimento, fossem eles cursistas ou tutores e aos quais a equipe de suporte,

formada por dois psicólogos, disponibilizou seu contato de *whatsapp* e *e-mail*. Além desse cuidado, também havia no AVA os números dos telefones da rede de atenção psicossocial do município sede da proposta, do Centro de Valorização da Vida (CVV) e do serviço de atendimento médico de urgência (SAMU). Essas especificidades do AVA tinham como objetivo mitigar e monitorar as situações de risco, visto a possibilidade de que alguns curistas, por vivências pessoais, de família ou relativas ao cotidiano escolar, entrassem em sofrimento.

Cada módulo contou com materiais para leitura, atividade obrigatória, bibliografia completar e espaço para interação, como o fórum de discussão e as ferramentas para construção de trabalhos coletivos.

Os encontros presenciais foram organizados da seguinte forma: no primeiro fez-se apresentação da proposta e aproximação com o tema, onde o tutor acolheu o grupo, mediou o contato dos participantes, combinou a forma de interação e esclareceu-os sobre o formato do curso.

No segundo encontro aplicou-se um jogo de tabuleiro construído especialmente para esse tema, chamado: “13 tempos para a prevenção do suicídio”, envolvendo 4 casos fictícios de estudantes do ensino médio em situação de risco para suicídio no decorrer de 13 semanas, com objetivo de esclarecer (pré) conceitos e mitos, identificar vulnerabilidades, manejar os casos e relacioná-los com as situações vividas no cotidiano da escola.

No terceiro e último encontro presencial os curistas apresentaram uma proposta de prevenção do suicídio a ser desenvolvida na escola de origem, construída individualmente ou em grupo de até 4 participantes, respeitando-se a aproximação temáticas dos cursistas ou proximidade territorial das escolas.

3 RESULTADOS: AVALIAÇÃO DO CURSO PELOS PROFESSORES

O curso iniciou com 220 inscritos e teve 51% de concluintes, considerados somente aqueles que no encontro final apresentaram as propostas de intervenção a serem desenvolvidas nas escolas. Desde seu início houve a preocupação de construí-lo a partir das necessidades dos professores e da avaliação do seu processo de aprendizagem, aqui entendido como a compreensão do fenômeno do suicídio e condução das situações que se apresentam ao cotidiano escolar. Neste sentido, fez-se um pré e um pós teste, com as mesmas questões, que trataram sobre a magnitude deste problema, seus mitos, e avaliação das situações de risco.

Ao final do curso os professores foram convidados a avaliá-lo, com objetivo de propor ajustes em sua forma e conteúdo para ofertas posteriores. Houve 85 respondentes, que correspondem a 75% dos concluintes. Essas respostas indicaram as seguintes análises:

- a) Sobre a aprendizagem mediada pelo AVA, 96% deles atribuíram nota acima de 7, ou seja, a quase totalidade dos cursistas considerou que a forma como a plataforma foi organizada capacitou-os para a prevenção do suicídio;
- b) Sobre as notas atribuídas ao curso, 71% deram nota máxima;
- c) Quanto aos conteúdos que mais contribuíram para sua aprendizagem sobre a prevenção do suicídio, 82% avaliaram o módulo “Mitos sobre o suicídio” como o que mais contribuiu, seguido do módulo “Avaliação das situações de vulnerabilidade e risco” com 77%, e os módulos “Dados epidemiológicos sobre o fenômeno do suicídio” e “Uso de tecnologias como ferramentas para a prevenção do suicídio” com 68,7% dos cursistas. Os módulos “Abordagem e condução dos casos” e “Rede de cuidados”, foram indicados por 67,5% dos cursistas, enquanto que “Construção de uma proposta de intervenção” e “Clínica da Cultura” foram os módulos que menos pontuaram na avaliação, com 63,9 e 54,2, respectivamente.

Além das questões referentes a aprendizagem e aos conteúdos que compuseram os eixos temáticos (módulos) indagou-se sobre o formato da proposta, perguntando se essa formação poderia ser realizada sem a mediação dos tutores. Como resposta 90% dos cursistas disseram que não, argumentando sobre a importância da tutoria para orientar as situações de risco vividas nas escolas, afirmando que o papel do tutor extrapola a orientação das atividades, constituindo-se como recurso para orientar e manejar as emergências vividas pelos professores.

Sobre a carga horária, 60 horas, a maioria dos respondentes avaliou que foi suficiente, porém indicou a necessidade de aumentar o número de encontros presenciais e ampliação das semanas, de forma que o curso fosse distribuído em um semestre, e assim tivessem mais tempo para aprofundamento das leituras e execução das atividades. Vale destacar que os fóruns de discussão foram as estratégias de aprendizagem melhor avaliadas pelos cursistas.

Quando perguntados sobre as estratégias de estudo, as respostas indicaram que os textos e vídeos constituíram-se como os materiais mais utilizados e que nas escolas onde outros professores também eram cursistas, ocorria a partilha da aprendizagem mediada por esses materiais, inclusive, alguns docentes relataram usá-los para discussões em sala com seus alunos.

Uma das questões tratou sobre os parâmetros que deveriam ser considerados para organização de cursos híbridos, enquanto estratégia de educação continuada de professores em temas sensíveis, como a prevenção do suicídio. Sobre esta pergunta vários aspectos foram apontados, constituindo-se quatro grupos de respostas.

- a) Destacaram a integração com a comunidade escolar, e importância de ouvir o professor e a equipe pedagógica na estruturação de cursos sensíveis, de forma que os mesmos resultassem em uma aplicação prática e respondessem ao cotidiano e cultura da escola, pontuaram ainda sobre a necessidade de educação continuada sobre estes temas;

- b) Reafirmaram a necessidade dos encontros presenciais como espaços para discussão de casos e apoio às emergências, solicitando inclusive a participação de especialista da área de saúde mental para esclarecê-los sobre a condução dos casos, reconhecendo que os momentos presenciais possibilitaram a troca de saberes entre os professores e a aproximação com as demais escolas e compartilhamento de realidades;
- c) Sobre o grupo de respostas que envolveu AVA/materiais/recursos aprendizagem, apontaram a importância de um AVA seguro e de fácil navegação, e que os módulos reservem tempo suficiente para realização das leituras e tarefas;
- d) A tutoria foi o último parâmetro apontado, nele os cursistas discorreram sobre a importância desta ação no desenvolvimento das tarefas e mediação das dificuldades, indicando a necessidade de que os tutores tenham preparo e conhecimento técnico sobre o tema e saibam lidar com o fenômeno.

Quando perguntados sobre os pontos positivos e negativos do curso, destacaram:

Pontos positivos: 1) materiais de apoio como vídeos, textos, artigos, livros; 2) metodologia, aqui entendida como os módulos e atividades de aprendizagem, havendo expressa referência e elogios ao jogo de tabuleiro (13 tempos) tendo em vista suas interfaces com os casos vividos na escola; 3) Tutoria e coordenação, onde destacaram a figura do mediador da aprendizagem e o apoio para as situações emergências e orientações sobre como lidar com estudantes que se automutilam ou com os casos onde identificam situações de vulnerabilidade; 4) Integração entre participantes nos encontros presenciais e no AVA.

Pontos negativos: 1) instabilidade da plataforma e a dificuldade para navegar; 2) Tempo insuficiente para aprofundarem as leituras e desenvolverem as atividades de cada módulo; 3) Tutores (alguns) com pouca interação ou feedback sobre as atividades postadas; 4) Poucos encontros presenciais, ou pouco aproveitamento destes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: POSSÍVEIS ESTÉTICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES SOBRE TEMAS SENSÍVEIS

Reafirmando as ideias iniciais deste artigo, a estruturação deste curso o híbrido fundamentou-se no pressuposto de que responderia a um dos grandes desafios da educação continuada de professores para a prevenção do suicídio, a saber, acessar um maior número de docentes, de forma que o conhecimento sobre a temática se antecipasse à ocorrência dos casos de tentativas ou consumação do suicídio.

Essa aposta fundamentou-se no entendimento de que as TDICs são ferramentas estratégicas para disparar informações de forma assíncrona, desterritorializada, de grande alcance e amplitude, constituindo-se, como nas palavras de Pierre Lévy (1999, p. 14) “um dilúvio informacional”. Este “dilúvio informacional”, neste curso para professores, foi organizado em eixos temáticos, módulos e conteúdos especialmente selecionados, a partir da necessidade deste, e aqui traduzido como aprendizagens, de forma a fortalecê-los para situações vividas na escola.

A seleção dos matérias considerou as reflexões de Han (2018) em sua obra “No enxame: perspectivas do digital”, onde discorre sobre os riscos da síndrome da fadiga da informação, e a necessidade da seleção criteriosa do que se disporá ao outro. O autor argumenta que mais informações não levam necessariamente à capacidade de análise, aspecto fundamental para que se constitua o pensamento crítico:

o excesso de informação faz com que o pensamento defina. A faculdade analítica consiste em deixar de lado todo material perceptivo que não é essencial ao que está em questão. Ela é, em última análise, a capacidade de distinguir o essencial do não essencial. A enxurrada de informações a qual estamos hoje entregues prejudica, evidentemente, a capacidade de reduzir as coisas ao essencial. (HAN, 2018, p. 105).

Assim, o itinerário desta formação e seu processo de avaliação, por parte dos cursistas ao final do curso e pela equipe de coordenação em todo seu decorrer, apontaram as possibilidades desta proposta, reafirmando alguns percursos a indicando alguns ajustes. Dissipou as dúvidas da coordenação sobre os riscos e limites da educação híbrida para tratar de temas sensíveis, visto que desde sua construção temia-se que esse formato não desse conta dos aspectos subjetivos, mais especificamente, dos sofrimentos que os cursistas poderiam manifestar no decorrer dos módulos ativados por situações do cotidiano da escola, de sua vida familiar ou pessoal. Neste sentido, tutoria, seleção adequada de material e agilidade da equipe de coordenação para responder as demandas surgidas, foram aspectos fundamentais para o desfecho favorável.

Vale destacar que no primeiro encontro presencial, durante apresentação da proposta e do AVA, os cursistas foram informados sobre os canais de contato e recursos psicossociais que poderiam acessar caso identificassem situações de risco na escola ou se percebessem em sofrimento. Neste primeiro encontro os tutores identificaram algumas situações, e já iniciaram o encaminhamento dos casos à equipe de coordenação que fez o acompanhamento destes professores por *whatsapp* e quando necessário atendeu-os pessoalmente ou articulou seu encaminhamento para a rede de atenção psicossocial do município de moradia.

Todo esse cuidado estava fundamentado na literatura sobre suicídio, que é clara ao afirmar que um dos grandes fatores de risco para sua consumação, é o histórico de tentativas anteriores (OMS, 2000; BOTEAGA, 2015). Portanto, acolher cursistas que relatavam tentativas anteriores foi uma prioridade da equipe de coordenação, baseada na pesquisa multicêntrica conduzida no Brasil pela Unicamp em 2002, que concluiu que pessoas que haviam tentado suicídio e foram monitoradas por telefone por um período de 18 meses (tempo da pesquisa), tiveram 10 vezes menos risco de cometê-lo, quando comparadas àquelas que não receberam o contato telefônico (BOTEAGA, 2014).

Respondendo ao problema de pesquisa que originou esse artigo: Que estéticas de cursos, na modalidade híbrida, podem ser construídas para formação continuada de professores em temas sensíveis como a prevenção do suicídio?”, observaram-se sete categorias de análises, abaixo elencadas.

1. Tutor como mediador da aprendizagem e apoio às situações de risco vividas pelos ,professores e estudantes. Nesta categoria os cursistas destacaram a importância desta função em cursos híbridos sobre temas sensíveis, indicando que não se pode construir a formação continuada de professores em temas sensíveis como uma mera disponibilidade de materiais na plataforma. “A proposta da tutoria é extremamente relevante e deve ser considerada como auxílio na compreensão dos materiais e eventuais dúvidas na atuação com o tema.” (CURSISTA A, DADO COLHIDO NO DIA 6 DE DEZEMBRO DE 2018).

2. Capacitação dos tutores sobre o tema. Aqui agruparam-se as respostas que apontaram a necessidade de qualificar os tutores, reafirmando o cuidado da coordenação desta proposta em garantir um mediador qualificado, não só para o uso da ferramenta, mas preparado para identificar, acolher e orientar sobre as situações de risco no decorrer do curso.

Eu tenho um histórico com a situação do suicídio, nas abordagens mais sensíveis respirava fundo e prosseguia, os materiais são muito bem elaborados, os artigos de alto nível, os fóruns tranquilos de realizar e não tive maiores problemas nos materiais online, porém, particularmente, nos encontros presenciais achei bem pior, pois as pessoas abordam os temas de modo inconsequente, muitas vezes são verborrágicas e não pensam que os indivíduos que estão ao redor podem se sentir afetados de algum modo e os tutores, aparentemente não tem preparo para mediar um tema tão complexo. (CURSISTA B, DADO COLHIDO NO DIA 7 DE DEZEMBRO DE 2018).

3. Importância dos encontros presenciais para troca de saberes e parcerias. Nesta categoria, foram considerados os relatos que destacaram as possibilidades e aprendizagens decorrentes dos momentos presenciais, tendo em vista a ansiedade, preocupação e o desejo de trocar saberes, identificadas desde o edital de chamamento deste curso:

É necessário sempre manter uma base de apoio presencial, pois em situações que envolvem esse tema sempre acabam por "mexer" com sentimentos e feridas que ainda estão em processo de cicatrização! (CURSISTA C, DADO COLHIDO NO DIA 6 DE DEZEMBRO DE 2018).

Quando me inscrevi neste curso, além dos meus alunos, tenho um filho adolescente e precisava muito entendê-lo. Hoje está muito melhor nosso relacionamento. Eu o faria novamente e gostaria que tivesse mais aulas presenciais. (CURSISTA D, DADO COLHIDO NO DIA 06 DE DEZEMBRO DE 2018).

4. Uso de *games* para reconhecimento de estudantes em vulnerabilidade. A configuração desta categoria considerou relatos que evidenciaram as aprendizagens e reconhecimento por parte dos cursistas, dos casos vividos em sala de aula. Foi interessante observar o envolvimento dos professores com as histórias das personagens que compunham o jogo de tabuleiro e o incômodo ao reconhecerem nos 4 casos fictícios, os mesmos riscos vividos por seus alunos e, até mesmo, seus filhos. O jogo “13 tempos para a prevenção do suicídio”, também despertou-os para temas como: violência doméstica, rede de proteção e diferentes tipos de abusos, além de perceberem a potência do jogo para a qualificação de outros professores, como indicado nos relatos abaixo:

Adorei o Jogo (Me vi em diversas situações), a vida é um aprendizado e, percebi que posso fazer muito pelo outro. (CURSISTA E, DADO COLHIDO NO DIA 8 DE DEZEMBRO DE 2018).

No jogo identifiquei-me com aquele pai superexigente e passei a rever a forma como me relaciono com meu filho. (CURSISTA F, DADO COLHIDO NO DIA 7 DE DEZEMBRO DE 2018).

É necessário além da fundamentação teórica uma abordagem mais prática, e o jogo desenvolvido no segundo encontro presencial foi excelente. (CURSISTA G, DADO COLHIDO NO DIA 8 DE DEZEMBRO DE 2018).

Gostaria de fosse disponibilizado o jogo do encontro presencial pra trabalhar com os professores na Semana Pedagógica. (CURSISTA H, DADO COLHIDO NO DIA 4 DE DEZEMBRO DE 2018).

5. Capilaridade do conhecimento via tecnologias digitais de informação e comunicação. Esta categoria constitui-se a partir dos relatos sobre os processos de aprendizagem e partilha dos conteúdos dos módulos.

Gostei muito de alguns textos e como somos em poucos fazendo esse curso, imprimi os mais interessantes e deixei na sala dos professores para outros terem acesso a essas informações. (CURSISTA I, DADO COLHIDO NO DIA 7 DE DEZEMBRO DE 2018)

Penso também a necessidade de trazer material para se trabalhar com os alunos, o jogo que foi trabalhado no encontro presencial foi show. (CURSISTA J, DADO COLHIDO NO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 2018).

6. Importância da inclusão de temas sensíveis na formação continuada. Os cursistas relataram a necessidade de aprofundar temáticas como a da prevenção do suicídio, citando inclusive a relevância de cursos de pós graduação com essa temática e o envolvimento da gestão estadual na sensibilização e preparo dos docentes para o enfrentamento do suicídio e casos de automutilação dos estudantes.

Os professores necessitam cada vez mais de apoio e formação continuada com temas que fazem parte do cotidiano escolar. Nossos estudantes muitas vezes demonstram comportamentos que são verdadeiros ‘pedidos’ de socorro. (CURSISTA K, DADO COLHIDO NO DIA 8 DE DEZEMBRO DE 2018).

7. Necessidade de acolher professores em sofrimento psíquico. Esta última categoria considerou os relatos dos tutores que ao longo do curso identificaram professores em situação de vulnerabilidade e os encaminhamentos que fizeram a equipe de coordenação e ao psicólogo que acompanhou todo o processo.

Em relação a sétima categoria, já havia essa preocupação desde o desenho inicial da formação e foi confirmada na capacitação dos tutores, pois não eram profissionais de saúde mental e nem sentiam-se confortáveis para conduzir seu grupo no AVA. Ainda na formação dos tutores que antecedeu o curso, muitos compartilharam suas histórias de família, inclusive suas próprias ideias. Além destas questões, no segundo encontro presencial, quando houve a aplicação do jogo de tabuleiro, muitos participantes compartilharam casos pessoais, e ao final do encontro pediram ajuda e encaminhamento para serviços de saúde mental.

Outro aspecto que reafirma a importância de acolher professores em sofrimento, foi a sugestão dos cursistas para que o jogo “13 tempos” fosse ampliado de quatro para cinco casos, e que esse quinto caso deveria retratar situações envolvendo docentes. Argumentaram que muitos professores estão afastados da sala de aula por sofrimento mental e em risco para suicídio.

Concluindo, a pesquisa que sustenta este artigo aponta as possíveis estéticas para construção de cursos de formação de professores mediados pela educação híbrida em temas sensíveis como a prevenção do suicídio, que para tratar desta temática é fundamental considerar a perspectiva da

complexidade, da delicadeza e da sensibilidade, o que implica necessariamente em abandonar a ideia da “receita de bolo” ou das estratégias que poderão ser replicadas independente do contexto. Ainda sobre esta estética, a construção de propostas para prevenção do suicídio em cursos híbridos, implica em considerarmos a cultura da escola, seu contexto e vozes, ou seja, em uma ação *a posteriori* (FREITAS, 1998), onde o professor não é mero expectador ou receptor, ele é antes de tudo o ator que indica o itinerário dessa formação, suas necessidades, fragilidades e potências.

Atentar para a escuta dos professores, respondendo as suas necessidades de formação continuada é um dos pilares do Grupo de Pesquisa do qual participam as autoras deste artigo, que o encerram registrando as pontuações de uma cursista, sobre esta formação sua adequação as necessidades da escola:

(A) primeira coisa é ouvir os professores (e) diretores para saber quais demandas a escola precisa. Depois oferecer cursos que atendam aos interesses dos professores, e que estes somem ao nosso conhecimento. (CURSISTA L, DADO COLHIDO NO DIA 3 DE DEZEMBRO DE 2018).

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. B. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BERTOLETE, J.M. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Unesp, 2012.

BOTECA, N.J.B. Comportamento suicida: epidemiologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 231-236, 2014.

BOTECA, N.J.B. **Crise suicida**: avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BRASIL. Lei nº 13919. Estabelece a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p.1, 2019.

BRASIL. Portaria Ministério da Saúde, nº 1876. [Estabelece as Diretrizes Nacionais para a Prevenção ao Suicídio]. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 65, 2006.

BRITO, G. S.; PURIFICAÇÃO, I. **Educação e novas tecnologias**: um repensar. Curitiba: Intersaberes, 2015.

CAMUS, A. **O mito de sísifo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2019.

DURKHEIM, E. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2013

FREITAS, M. F. Q. **Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo**. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 1, p. 175-189, 1998.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HAN, B.C. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, B.C. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017a.

HAN, B.C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017b.

LEPOVETSKY, G. **A sociedade da decepção**. Barueri, SP: Manole, 2007.

LEVY, P. **Cibercultura**. Sao Paulo: Editora 34, 1999.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico**, v. 48, n. 30, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio**: manual para professores e educadores. Genebra: OMS, 2000.

QUEIROZ, C. Juventude extraviada. **Pesquisa Fapesp**, n. 280, p. 74-79, 2019.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa Participante e Pesquisa-Ação. In: Roberto Jarry Richardson. (Org.). **Pesquisa-Ação**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004, p. 175-192.